

ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA- MG: o Centro de Conservação e Restauro de Acervos Arqueológicos – CECRAAR

Aurelino José F. Filho^{*}

Robson Rodrigues^{**}

Marcel Mano^{***}

Introdução

Objetiva-se aqui tecer breve panorama do patrimônio arqueológico, especificamente sítios compostos por um rico acervo de artefatos lito-cerâmicos indígenas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – MG; bem como apresentar o Centro de Conservação e Restauro de Acervos Arqueológicos – CECRAAR, projeto este que é resultado dos trabalhos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena - GEPAEHI, sediado no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Ciências Sociais – INCIS da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

A região que compreende o atual Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - MG, conta com um importante conjunto de sítios arqueológicos, constituindo-se em significativo acervo artefactual, a céu aberto, espalhados por seus municípios. Em recentes levantamentos e sistematizações realizados pelo GEPAEHI, constatou-se pra a região supracitada um total de 203 sítios arqueológicos; com ênfase para os conjuntos de sítios localizados nos municípios de Ituiutaba, Prata, Monte Alegre de Minas, Centralina, Cachoeira Dourada e

^{*} Professor do Curso de História ICHPO | GEPAEHI | UFU. Doutor em História

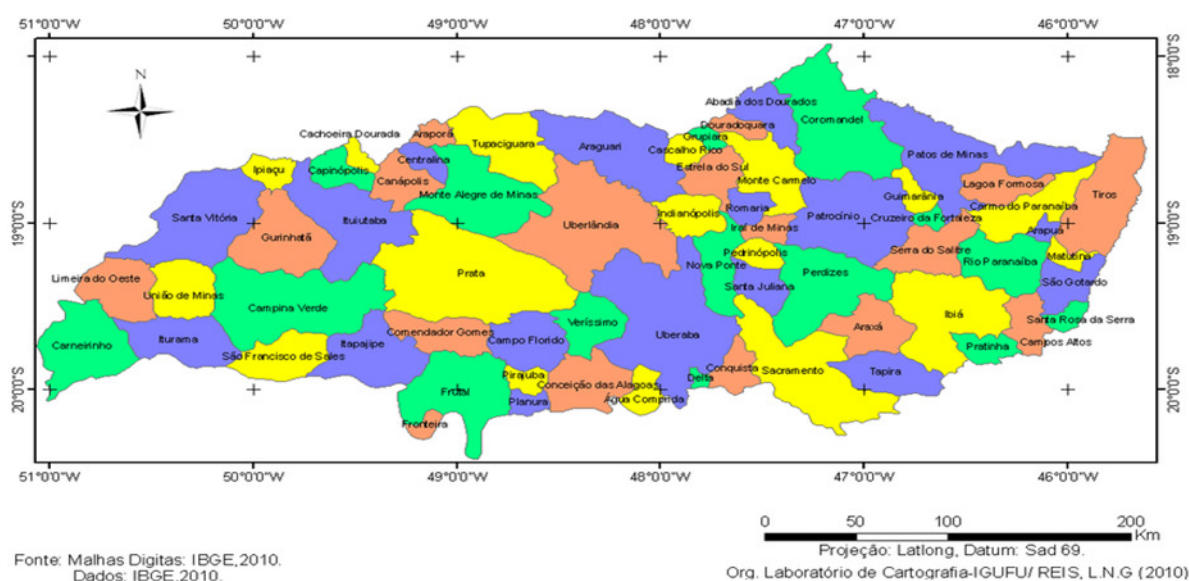
^{**} Professor Colaborador e pesquisador do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia – PPGCS | INCIS | GEPAEHI | UFU. Doutor em Arqueologia

^{***} Professor do Curso de Ciências Sociais | Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia – PPGCS | INCIS | GEPAEHI | UFU. Doutor em Antropologia

Uberlândia, que contam com significativas informações a partir de pesquisas e diagnósticos arqueológicos já produzidos; o que, mesmo não esgotando esse registro, amplia muito os dados já conhecidos e define o contexto da região por seu alto potencial de pesquisa.

Há informações de achados líticos e cerâmicos também em outros municípios da região como Capinópolis, Gurinhatã, Ipiacu, Canápolis, Araporã, Santa Vitória, Iraí de Minas, Tupaciguara, Araguari, Capinópolis, Iturama, Campina Verde, entre outros, podendo ainda revelar muitas informações sobre os grupos indígenas que aqui habitaram, suas culturas e modos de vida. Entretanto, este conjunto artefactual encontra-se permanentemente ameaçado pela ação do tempo e humana, seja por construções de pequenas centrais hidrelétricas – PCHs, rodovias e estradas, expansão do agronegócio ou até mesmo manuseio da terra por meio de tratores nas pequenas propriedades da região.

Quadro 1 - Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - MG



Nesse aspecto, vale ressaltar a afirmação de Barreto (2000), onde

a maior parte do conhecimento arqueológico produzido no Brasil trata do período pré-cabralino. A arqueologia feita no Brasil é essencialmente uma arqueologia de sociedades indígenas extintas que viveram em um passado distante, deixando como testemunho de sua existência somente restos materiais. Há 500 anos que estes restos materiais têm sido encontrados, estudados e interpretados. Há 500 anos que estes restos têm sido a matéria-prima para a construção de um passado pré-colonial brasileiro (BARRETO, 1999-2000, p. 32).

Confirmando esta assertiva, e apesar das diferentes conjunturas de ocupação humana na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG, a Arqueologia que vem sendo realizada na região tende a dar atenção aos períodos mais recuados na história regional, a citar os contextos caçadores-coletores e horticultores-ceramistas do período pré-colonial. Assim, ainda está por se fazer uma arqueologia do indígena colonial na região, na qual serão profícuas as pesquisas nos sítios de antigas aldeias e seus antigos aldeamentos¹.

Referenciais teóricos e metodológicos

A linha metodológica adotada privilegia a investigação de caráter regional, Moraes (1990 e 1997), em um processo interdisciplinar, com a exploração máxima das possíveis ligações entre os diversos itens abordados. Com isso, a localização, identificação e registro dos contextos de assentamentos humanos pretéritos proporcionará a sistematização de dados importantes no que diz respeito às formas, funcionamento, e mudanças das ocupações humanas, bem como os modos de interação homem/meio ambiente no contexto paleogeográfico regional.

O caminho percorrido segue por um trajeto marcado pela associação de elementos arqueológicos, históricos e etnográficos, por meio do qual desenvolvemos levantamentos de dados e informações a respeito da produção material de populações pretéritas no contexto regional. No trabalho em curso, a problemática permite um entrelaçamento entre diferentes dados que nos leva a campo e, em seguida, ao laboratório e ao gabinete, sem se esgotar em si mesmo, possibilitando assim, uma permanente renovação da pesquisa a cada passo do processo.

Cabe ressaltar que entendemos como modelo teórico uma abordagem que, a partir do estudo de sociedades indígenas historicamente conhecidas, proporciona os meios para formular e testar hipóteses, modelos e teorizações que possibilitam responder questões de interesse arqueológico (KENT, 1987; THOMPSON, 1991; STARK, 1993). Uma estratégia de pesquisa que visa a produzir uma base de dados etnográficos sobre as relações entre o comportamento humano e o mundo material que possa auxiliar nas teorizações sobre os processos de formação dos registros arqueológicos; ao mesmo tempo em que venha a contribuir para os estudos de cultura material (HODDER, 1982; SCHIFFER, 1992).

¹ Sabidamente os aldeamentos na Estrada dos goiazes (1748-1816): Rio das Pedras, Estiva, Pissarrão, Boa Vista, Santana, Rocinha, Lenhoso, Uberaba e Baixa.

O enfoque principal da pesquisa de campo está direcionado para a obtenção de dados sobre os registros e mapeamentos dos sítios arqueológicos e sua espacialização, com a utilização de georreferenciamento.

Esses elementos são importantes, uma vez que as evidências materiais são indicadores dos contextos arqueológicos, e os estudos sobre conjuntos etnográficos auxiliam nas interpretações arqueológicas, especialmente no que se refere ao problema da variabilidade artefactual. Nesse caso, esses elementos possibilitam discutir aspectos sobre os processos de formação dos registros arqueológicos.

Resultados e discussões

Apesar da referência de sítios arqueológicos na área de abrangência supracitada, de acordo com a pesquisa de Delforge (2010), esta região ainda é pouco conhecida do ponto de vista arqueológico, apresentando poucos sítios georreferenciados. Segundo o autor, os sítios arqueológicos conhecidos na bacia do Rio Grande e Paranaíba se concentram nos vales dos rios, e esta característica se deve aos tipos de empreendimentos que financiaram as pesquisas: as hidroelétricas da AHE Funil, UHE Igarapava, PCH B3, linhas de transmissão elétrica da Transudeste, Juiz de Fora - Itutinga, Emborcação - Nova Ponte, mais alguns estudos ligados ao parcelamento de solo e achados fortuitos (DELFORGE, 2010). Assim, a área entre as bacias dos rios Paranaíba e Rio Grande, se constitui em região de grande importância para a arqueologia mineira.

No tocante à arqueologia pré-colonial praticada na região, além de importantes pesquisas, já há também algumas sistematizações de seus resultados. Tomando como referência as análises produzidas por pesquisadores da região², estes se caracterizam como sítios pré-coloniais, a céu aberto, com presença de artefatos cerâmicos, líticos lascados e polidos, achados arqueológicos como pontas de flechas e lanças; igaçabas, panelas, ossadas, machadinhas diversas, mão de pilão e raspadores, entre outros; além de sítio com pinturas rupestres em afloramento rochoso, localizado na área rural do município de Prata, e sítios históricos, principalmente associados a quilombos³.

² Principalmente nas bacias dos rios Piedade, Tijuco, Prata, Uberabinha; córregos do Sertãozinho, do Capim, da Caçada, do Monjolinho, do Pastinho, do baixadão, do Barreto e Sucuri e ribeirão dos Patos.

³ Como o Quilombo do Sertãozinho inscrito no cadastro nacional de Quilombos, no Ministério da Cultura e Fundação Nacional Zumbi dos Palmares.

Dentre os grandes projetos de pesquisa sistemática na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG, destaca-se o Projeto Quebra Anzol, coordenado pela pesquisadora Márcia Angelina Alves – MAE/USP, que tem início na década de 1980, e abrange os municípios de Perdizes, Centralina e Guimarães, na bacia do Rio Paranaíba (ALVES, 1992).

Especificamente no Pontal do Triângulo Mineiro, em 2009, a Fundação Cultural de Ituiutaba, instituição cultural municipal, propôs ao arqueólogo Marcelo Fagundes – UFVJM, a produção de diagnóstico arqueológico na área do município, com a finalidade de ampliar o conhecimento da história da região e o aumento da arrecadação do seu ICMS Cultural. Em seus quinze dias de trabalho nas margens do Rio Tijucu, Rio da Prata, Córrego do Bugre e Córrego São Lourenço, foram identificados e publicados 34 sítios arqueológicos⁴.

O mesmo arqueólogo no ano de 2011, através de um convênio entre o município de Cachoeira Dourada e a Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, produziu o mapeamento do patrimônio arqueológico do município, sendo identificados e publicados 11 sítios arqueológicos⁵ referente ao município em tela; sendo que grande parte foi encontrada as margens do Rio Paranaíba, justamente na área onde as margens foram alagadas pela construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Cachoeira Dourada, construída em 1950. O material coletado foi levado para ser analisado no Laboratório de Arqueologia da UFVJM e os trabalhos ainda estão em andamento, mas 2 desses sítios (Corgão II e III), já foram datados e apresentaram datas por volta de 600 a 500 anos AP.

Segundo Prous (1992), as principais pesquisas referentes a grupos caçadores coletores se deram em torno dos abrigos calcários do estado de Minas Gerais, devido ao fato destes apresentarem uma maior preservação dos vestígios em relação aos sítios de céu aberto. A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – MG apresenta dados importantes para esses grupos que se assentaram na área a cerca de 7000 anos AP.

No município de Centralina, se sobressai o sítio Rezende, localizado no Rio Piedade, próximo à sua foz no Paranaíba, onde após várias campanhas de escavação foi possível identificar dois horizontes arqueológicos. A primeira ocupação corresponde a um acampamento de grupos caçadores-coletores, datado de 7300+80 anos AP, e a segunda estaria ligada a comunidades ceramistas, sendo datadas de 1190+60 anos AP a 460+50

⁴FERREIRA FILHO, Índios do Triângulo Mineiro: história, arqueologia, fontes e patrimônio - pesquisas e perspectivas, EDUFU, 2015.

⁵*Op. cit.*

anos AP. O projeto continua sendo executado e tem gerado diversas publicações e teses (FAGUNDES, 2004; MEDEIROS, 2007). Quanto à ocupação dos grupos horticultores ceramistas, temos que essa região faz parte de um contexto extremamente interessante para a Arqueologia brasileira, uma vez que a área compõe um extenso corredor de interações entre diversos grupos étnicos como os Tupi do interior, associados aos Guarani vindos do sul e os Jê Centrais e Meridionais (MANO, 2002).

Um aspecto importante para a arqueologia regional está relacionado aos diversos relatos orais que demonstram o contato direto das pessoas com os vestígios arqueológicos da área, principalmente no momento de manuseio do solo para plantio agrícola, identificando fragmentos cerâmicos, machados de pedra polida, fragmento de um pilão e outras ferramentas líticas (RODRIGUES, 2015).

Nesse contexto de alta capacidade arqueológica da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG, se insere o projeto do Centro de Conservação e Restauro de Acervos Arqueológicos – CECRAAR, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, em diálogo com o Ministério Público Federal (MPF) do município de Uberlândia (MG), podendo se constituir como a principal instituição de guarda de bens arqueológicos na região, a se articular com outras instituições em Minas Gerais, também com autorização de guarda por parte do IPHAN⁶.

Em fase de implantação institucional⁷, o CECRAAR deverá se constituir em um espaço multidisciplinar de pesquisas entre a Arqueologia, a Antropologia, a História, a Geografia e Educação patrimonial, entre outras áreas do conhecimento, inicialmente associado aos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais – UFU, e ao Curso de Graduação de História do ICHPO – UFU, com o objetivo de estabelecer diálogos interdisciplinares na construção de referenciais epistemológicos e abordagens metodológicas para o estudo das Histórias e Culturas dos Povos Indígenas no Brasil e, em especial, dos Jê Meridionais.

Seu objetivo é promover o intercâmbio entre pesquisas dessas áreas do conhecimento que permitam desenhar um quadro das dinâmicas das ocupações indígenas, os impactos coloniais e os rearranjos socioculturais sofridos pelas populações originais do atual

⁶ Atualmente, as instituições autorizadas no Estado são: Centro de Arqueologia Annette Laming-Emperaire (CAALE); Laboratório de Arqueologia e Estudos da Paisagem da UFVJM; Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC); Museu de Ciências Naturais PUC Minas; Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/mg/pagina/detalhes/1318/>.

⁷ Neste momento o projeto se encontra em tramitação nas instâncias superiores da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, visando sua constituição institucional.

Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG; além de promover e fomentar a pesquisa, debate e ações de proteção, preservação, musealização e patrimonialização do acervo constituído por sítios arqueológicos existentes na região.

O CECRAAR se define como uma instituição inter-campi, envolvendo unidades da Universidade Federal de Uberlândia presentes nos municípios de Uberlândia e de Ituiutaba, abrangendo, portanto, áreas de alta densidade artefactual lito-cerâmico indígena da região. Metodologicamente, o CECRAAR se pautará em ações de curadoria e guarda de acervos arqueológicos a partir da triagem, preparação, higienização, conservação, catalogação e análises, oriundos de pesquisas ou de doações diversas realizadas na região definida atualmente pelo sul de Goiás, Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, norte de São Paulo e leste de Mato Grosso do Sul.

Este Centro se constituirá em um espaço físico que comportará e acomodará adequadamente acervos arqueológicos; pesquisadores e discentes da própria universidade e de outras instituições de ensino e pesquisa, bem como interessados diversos. Realizará a curadoria, guarda e processamento dos acervos arqueológicos recebidos; terá condições de conservação, acondicionamento e segurança dos acervos arqueológicos em reserva técnica adequada; possuirá equipamentos para armazenamento de dados, informações e documentos, facilitando o acesso e uso pela comunidade científica, organização de exposições temáticas, cursos de extensão e gestão do sistema de informações geográficas dos sítios arqueológicos.

Embora, como já dito, o CECRAAR será edificado no Campus Glória da universidade Federal de Uberlândia - UFU, atualmente o mesmo se encontra em fase de implantação provisória por meio de adequação de parte de um dos prédios da universidade, de maneira que possa receber seus primeiros acervos, compostos por artefatos lito-cerâmico, passivos ambientais resultantes da construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Miranda, localizada no rio Araguari, município de Indianópolis (MG), e da UHE de Nova Ponte, localizada às margens do mesmo rio, mas no município de Nova Ponte (MG), resultado de negociações envolvendo o MPF do município de Uberlândia, Companhia Energética de Minas Gerais S.A – CEMIG, e Engie Brasil Energia, concessionárias das respectivas UHEs.

Para o devido acondicionamento dos acervos arqueológicos nas dependências do CECRAAR será constituída uma reserva técnica adequada aos padrões atuais da conservação, guarda e segurança, contendo equipamentos que atendam as necessidades de proteção e preservação. Além disso, o CECRAAR deverá ter um

sistema informatizado para gestão e acesso dos acervos do patrimônio arqueológico salvaguardados. O CECRAAR pretende também se consolidar como referência para o diálogo com e entre a população indígena da região.

A conjunção dos dados arqueológicos levantados, ainda que preliminarmente, associados a relatos orais, bibliográficos, de campo e dos documentos históricos sobre as ocupações indígenas da região, além de confirmar o altíssimo potencial arqueológico das áreas banhadas pelas bacias do rio Grande e rio Paranaíba; tornando o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG uma área de grande interesse para o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares a respeito das ocupações humanas pretéritas na região, justifica a consolidação de uma instituição de guarda de bens arqueológicos como o CECRAAR, e fortalece as ações de proteção desse tão importante patrimônio arqueológico e cultural brasileiro.

Referências bibliográficas

ALVES, M. A. As Estruturas Arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. In: *Revista de Arqueologia e Etnologia-USP*, n. 2, p. 27-47, 1992.

BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.44, p. 32-35, dezembro/fevereiro 1999-2000.

BLASIS, P.A.D. De (coord.). *Programa de monitoramento arqueológico da faixa de depleção da UHE, Água Vermelha: fase de diagnóstico*. Relatório final. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2003.

DELFORGE, A. H. *O Gerenciamento do patrimônio arqueológico em Minas Gerais utilizando-se Sistemas de Informação Geográfica*. 2010. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, PUC MG, 2010.

FAGUNDES, M. *Sítio Rezende: das cadeias operatórias ao estilo tecnológico – um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. MAE-USP. SP. 2004.

FAGUNDES, M. Histórico das pesquisas arqueológicas no Triângulo Mineiro: a história indígena pré-colonial. In: FERREIRA FILHO, A.J. *Índios do Triângulo Mineiro: História, Arqueologia, fontes e Patrimônio –Pesquisas e Perspectivas*. Uberlândia: EdUfu, MG, 2015.

HODDER, I. *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge, University Press. 1982.

KENT, S. Understanding the use of space: an ethnoarchaeological approach. In: *Method and theory for activity area research (An ethnoarchaeological approach)*. New York: Columbia University Press. 1987.

MANO, Marcel. Contato, guerra e paz: problemas de tempo, mito e história. *Revista de Ciências Sociais –Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 34, p. 193-212, abr. 2011.

MEDEIROS, J.C. *Cultura material lítica e cerâmica das populações pré-coloniais dos sítios Inhazinha e Rodrigues Furtado, município de Perdizes/MG: estudo das cadeias*

operatórias. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo: 2007.

MORAIS, J. L. Arqueologia de Salvamento no Estado de São Paulo. *Dédalo*, São Paulo, MAE-USP, v.28, 1990, SP.

MORAIS, J. L. Projeto Paranapanema: resgate do patrimônio arqueológico do complexo Canoas, margem paulista. *Plano de trabalho da Segunda etapa*. São Paulo: MAE-USP, 1997, SP.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UNB, 1992.

RODRIGUES, R. Diagnóstico dos bens culturais de natureza arqueológica. *Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial na área da Fazenda Umuarama, município de Itapagipe, estado de Minas Gerais*. Fundação Araporã. Araraquara-SP, 2015.

SCHIFFER, M. B. Technology and Society. In: SCHIFFER, M. B. (Ed.). *Technological Perspectives on Behavioral Change*. Tucson: University of Arizona Press. 1992. p. 130-141.

THOMPSON, R. H. The archaeological purpose of ethnoarchaeology. In: *Ceramic Ethnoarchaeology*. University of Arizona Press. 1991. p. 231-245.